

Concurso de Resenhas Prof. Dorival da Costa

Identificação

Nome do aluno: Caetano da Costa

Curso: Bacharelado em Letras Modalidade

do curso: Ead

E-mail: caedacosta70@gmail.com

Livro resenhado:

FLUCK, Marlon Ronald. **A bioética e suas implicações na saúde, na religião e na dignidade humana**. Curitiba: InterSaberes, 2021.

Um dos temas mais complexos e polêmicos das últimas décadas, a bioética é densamente explorada por Marlon Ronald Fluck, professor universitário formado em teologia e pós-graduado em estudos históricos, sociológicos e filosóficos. Estudioso das línguas latinas e germânicas, Fluck publicou dezenas de artigos e de livros, a maioria de cunho religioso e histórico. Realizou estágio pós-doutoral na Europa (Alemanha e Suíça) e orientou mais de 125 trabalhos acadêmicos.

Escrito de forma clara e precisa, o texto é desenvolvido em complexidade crescente. Embora didático e comunicativo, o autor trata de um assunto que requer do estudante uma certa experiência de leitura, um arcabouço cultural que envolve vários campos. Heráclito de Éfeso postulou que não se banha duas vezes no mesmo rio. Nas águas exploradas por Fluck, é aconselhável que a primeira imersão (leitura) tenha lugar em meados do curso de graduação, quando o estudante já teve contato com vivências intelectuais mais robustas. Obras densas, complexas e significativas revelam a cada mergulho nuances que todo leitor proficiente detectará e deleitar-se-á.

A leitura é válida pelas conclusões do autor, baseadas em variadas argumentose citações de trabalhos que iluminam o campo e atuam como uma excelente introdução ao intrincado e pluri-implicativo tema da bioética. Além disso, é uma obra recente, e forte candidata a tornar-se uma referência para todos os cursos que, de alguma forma, lidam com a vida e seus aspectos éticos, como nas áreas de biológicas, saúde, humanas e ciências sociais aplicadas. É importante destacar que o livro não aborda apenas a ética em vida, mas discute, também, a dignidade humana naquele momento irreversível, a morte.

Escudando-se em Fernando Pessoa, o título do livro traz uma palavra crucial que reflete

o sentido de levar com grandeza de alma os desafios, as vicissitudes e as belezas da vida. Trata-se da “dignidade”, um atributo humano que perpassa a saúde física e a mental, envolvendo matizes religiosos, filosóficos e científicos. Sem considerarmos a dignidade, a ética da vida perde o sentido. É justamente aí que reside a força da obra de Fluck — uma discussão atual e fundamentada sobre a bioética e seus múltiplos reflexos, tendo como pano de fundo a dignidade do ser humano.

A obra é dividida em seis capítulos, com texto balizado por três grandes diferenciais. Primeiro, cada capítulo apresenta subtópicos, nos quais o autor apresenta argumentos favoráveis e contrários, sempre à luz da dignidade individual e do bem coletivo. Segundo, levanta perguntas bem construídas que orientam o raciocínio e a discussão dos temas. Por fim, a linguagem atraente é ilustrada com inúmeros trechos extraídos de fontes conhecidas e confiáveis, incluindo filósofos (da Grécia Clássica a lumináres contemporâneos como Kant, Kierkegaard, Morin e Foucault) e obras de consulta (dicionários, legislações). Pontua-se que os finais dos capítulos são enriquecidos com quatro elementos: i) um resumo das ideias centrais (com destaque para o do sexto capítulo – uma brilhante síntese da obra); ii) atividades avaliativas (testes de múltipla escolha e questões abertas); iii) sugestões de práticas (pesquisa e consultas de fontes informacionais, realização de entrevistas); iv) por vezes, há também indicações culturais comentadas (programas televisivos, vídeos).

O primeiro capítulo traz as origens da bioética, dos pontos de vista filosófico, utilitário e deontológico. Discute a importância e o significado da atribuição de valores aos pensamentos e ações, explorando questões como: “...existem critérios universais para afirmar categoricamente o que é o certo, o bom e o justo?” (FLUCK, 2021, p. 19). Aqui começa a navegação em conceitos fundamentais para entender a bioética, como “autonomia”, “beneficência” e “justiça”. Fluck trata de outros dois conceitos-chave, “vida” e “ética”, e vai se reportar não só à vida humana, mas à ligada ao ambiente planetário. São apresentados argumentos ilustrativos da bioética como um campo que transcende a interdisciplinaridade: “[...] pela compreensão transdisciplinar, a bioética torna-se um horizonte de práticas híbridas para tratar de assuntos complexos inerentes à vivência humana.” (FLUCK, 2021, p. 37).

Já o segundo capítulo explora uma série de “mudanças de paradigmas” que afetam a sociedade. Um caso típico é a contrapartida do processo de compartimentalização do saber, representada pela chamada “complexidade”, no dizer de Edgar Morin. Assiste-se, assim, ao surgimento de analogias e descrições interdisciplinares, valorizando a transversalidade e os aspectos globais dos temas. Na prática, temos, por exemplo, o desenvolvimento de áreas mistas como a bioquímica e, no foco aqui tomado, a bioética. Outros pontos levantados dizem respeito

às políticas públicas de saúde e a questões filosóficas como o biopoder (Foucault) e as vertentes sociopolítica e espiritual da dignidade (Kant). Aliás, aqui discutem-se os princípios da dignidade humana, um dos pilares da obra.

O autor pontua que o uso da palavra “bioética” foi institucionalizado no início dos anos 1970, coincidindo com a época dos experimentos centrais que levaram à consolidação da tecnologia do DNA recombinante. Essa técnica é parte do assunto de que vai tratar o capítulo 3 — procedimentos que testam os “limites da manipulação da vida”. Discute-se os dois tipos de clonagem — reprodutiva e terapêutica, doação de órgãos, aborto, origem temporal da vida (quando podemos denominar o ser vivo de “ser humano” – na fase de zigoto? Embrião? Feto?), inseminação artificial e patenteamento de seres vivos. No capítulo 4, adentram-se os impactos da bioética em questões de saúde pública e direito, como em situações limítrofes — distanásia, diagnóstico genômico, tratamentos agressivos, critérios de morte encefálica, acesso aos dados genéticos.

A religião e o sagrado da vida constituem temas do capítulo 5. São discutidos elementos de religiosidade, à luz da teologia cristã, da filosofia (Heidegger) e da psicanálise (Erich Fromm), incluindo os limites da liberdade frente à autonomia. É reforçada a importância do autoconhecimento para o cuidado de si mesmo. Explora-se, também, a consciência ecológica, no sentido de conter os impactos humanos no ambiente e de reconciliar o homem com a natureza. Aborda-se, também, a importância da alteridade e do estímulo à solidariedade e à inclusão social, em franco combate ao viés utilitário, que insiste em colocar a felicidade individual à frente da beneficência coletiva. Em suma, o capítulo busca ilustrar as facetas da saúde como um bem não só físico e mental, mas também cultural e espiritual.

Por fim, o sexto capítulo integra a bioética e os direitos humanos. Este capítulo dedica-se a retomar os conceitos fundamentais explorados nos capítulos anteriores, aprofundando as informações e acrescentando elementos como qualidade de vida, alocação de recursos à saúde com base nos princípios doutrinários do SUS e ideologias de poder da indústria farmacêutico-tecnológica. Em adição, tece analogias que conduzem ao grande objetivo do autor, que é alertar para os perigos e implicações de contextos que incorram em desvios éticos e coloquem em risco a dignidade e os direitos das pessoas. Nesse contexto, levanta-se uma questão crucial: é realmente cabível (e ética) a modificação do genoma e o comprometimento das gerações futuras? A quem cabe o direito de apontar “falhas” genéticas e corrigi-las? A interferência nesse nível não seria o estopim para a distopia eugênica? Apesar dessas inquietantes indagações, Fluck evidencia a relevância do estudo do campo bioético no intuito de compreender as múltiplas dimensões humanas que englobam tanto a individualidade quanto a coletividade,

desta e das próximas gerações, deixando no final uma mensagem de otimismo e de esperança.

No conjunto dos seis capítulos, o conteúdo é desenvolvido sempre com base em conceitos e suas etimologias, adjuvados por argumentação consistente e dados históricos. A cada capítulo são introduzidas novas ideias que ajudam a iluminar o complexo cenário bioético. Devem ser feitas, no entanto, duas breves observações que podem contribuir para a discussão. A primeira delas é pontual, de cunho corretivo: a sigla utilizada para ilustrar a enzima alfa-1-antitripsina (FLUCK, 2021, p. 92) está incorreta; saiu grafada como “ATT”, mas deveria ser “AAT”. A outra observação tem o intuito de estimular a busca por mais informações sobre duas técnicas apenas mencionadas, que merecem atenção do leitor quando for explorar as consequências éticas — a “edição de DNA” e a “terapia gênica”.

Outro ponto forte da obra reside nas referências. O autor elencou dezenas de livros (além de português, também títulos em alemão, espanhol e inglês) e de artigos científicos, além de dicionários de filosofia e de bioética, dissertações e teses. Inclui também as fontes relativas à legislação pertinente, além da Bíblia. Uma parte adicional corresponde à seção “Bibliografia comentada”, em que são selecionadas publicações-chave com informações panorâmicas sobre diversos subtemas relacionados à bioética.

Em seu bojo, a obra de Fluck atende a um público diversificado, nas áreas já destacadas, mas com o cuidado de ser oferecida no momento adequado, quando o estudante já construiu um *background* de leitura. Propõe-se, finalmente, em caráter de provocação construtiva, refletir sobre a seguinte questão: “A vida, afinal, é justa?” “Talvez” seria uma resposta satisfatória, se considerarmos uma versão positiva da existência, por exemplo, iniciativas contra a fome e a exclusão social. Por outro lado, existe forte tendência à acomodação, considerando respostas como “as coisas são assim mesmo”, “não há como mudar, sempre foi assim” etc. Pode ser mais produtivo e estimulante reformular a questão: “O que podemos fazer para valorizar a dignidade humana e tornar a vida mais justa para o maior número possível de pessoas?”.